

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLY GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

MEMORIAS

	Pags.
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — O OSSUARIO DA FREGUEZIA DE FERREIRÓ (com 10 gravuras)	177-200
F. Adolpho Coelho — A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS (Continuação)	201-226
Rocha Peixoto — ETHNOG. PORTUGUESA: AS OLARIAS DE PRADO (com 94 gravuras)	227-270
José da Silva Picão — ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO	271-280
Alberto Sampaio — AS "VILLAS" DO NORTE DE PORTUGAL (Continuação)	281-324

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Ricardo Severo — <i>Ex-voto de bronze da "Collecção Manoel Negrão"</i> (com 3 gravuras e 1 phototypia)	325-331
Rocha Peixoto — <i>O penedo de Santa Comba</i>	332

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

Communicações presentes à segunda sessão de 24 de outubro de 1898 (com 19 gravuras)

A. dos Santos Rocha — <i>A caverna dos Alqueves</i>	333-338
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — <i>Nota sobre os restos humanos da caverna neolithica dos Alqueves</i>	338-340
A. dos Santos Rocha — <i>Estação neolithica da Ereira</i>	340-341
— <i>Novo vestigio da epocha do cobre nas visinhanças da Figueira</i>	341
— <i>Primeiras epochas dos metaes</i>	342-343
— <i>Estação romana de Formoselha</i>	344
Ferreira Loureiro — <i>Fragmento de vidraça pintada em esmalte, proveniente do Mosteiro da Batalha</i>	344-346
Augusto Goltz de Carvalho — <i>Amuletos de Buarcos</i>	347-349
Pedro Fernandes Thomás — <i>Epigraphia do concelho da Figueira</i>	349-354
João dos Santos Pereira Jardim — <i>Notas ethnographicas sobre os povos de Timor</i>	355-359
A. Gonçalves — <i>Excavações nas ruínas de Conimbriga</i> (com 2 gravuras)	359-365
Souza Viterbo — <i>As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas</i> (com 3 gravuras)	365-368
B. D. Coelho — <i>Industria caseira de fição, tecelagem e tingidura de substancias tectis no districto de Vianna do Castello</i> (com 13 gravuras e 1 chromolithographia)	369-378
P. Belchior da Cruz — <i>Pesos de tear</i> (com 3 gravuras)	378
Pedro Fernandes Thomás — <i>Notas ethnographicas do concelho da Figueira — II A pesca fluvial</i> (com 7 gravuras)	379-384
J. Nunes — <i>Costumes algarvios</i>	384-388
Tavares Telxeira — <i>Folk-lore transmontano</i>	388-390

NOTICIAS

<i>Noticia da Estação Romana na Quinta da Ribeira em Tralhariz</i> , por R. S. (com 3 gravuras)	391-398
<i>Alfaia agricola portuguesa</i> , por F. Adolpho Coelho (com 9 gravuras)	398-416

OS MORTOS

<i>F. Martins Sarmento</i> , por Alberto Sampaio (com 1 retrato)	417-422
<i>Eduardo Augusto Allen</i> , por R. P. (com 1 retrato)	422
<i>Manoel Paulino de Oliveira</i> , por R. P. (com 1 retrato)	423-424
<i>Edmundo de Magalhães Machado</i> , por R. P.	424

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

JOSÉ T. R. FORTES JUNIOR — <i>A estação archeologica d'Alvarellhos</i> , por R. S.	425-426
SOUSA VITERBO — <i>Diccionario historico e documental dos architectos</i> , etc., por R. P.	426
MANOEL JOAQUIM PEREIRA — <i>Medalhas do Museu municipal do Porto</i> , por R. S.	426
GENERAL MESQUITA CARVALHO — <i>O dolmen da Barrosa</i> , por R. P.	426
SANT'ANNA MARQUES — <i>Estudo de anthropometria portuguesa</i> , por F. C.	427-428
BARROS E CUNHA — <i>Noticia sobre uma serie de craneos da ilha de Timor</i> , por F. C.	428
COSTA FERREIRA — <i>Craneos portuguezes. Saturas</i> , por F. C.	428-429
BAZILIO TELLES — <i>O problema agricola</i> , por R. P.	429-430
CH. LEPIERRE — <i>Estudo chimico e tecnologico sobre a ceramica portuguesa moderna</i> , por R. P.	430
A. THOMAZ PIRES — <i>Materiaes para a historia da vida urbana portuguesa</i> , por R. P.	431
PEDRO FERNANDES THOMÁS — <i>Collecção de elementos para a historia da Figueira</i> , por R. P.	431

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

<i>Revista de Guimarães</i> , por R. S.	432
COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASC.: D. Aurelia e D. Sophia de Souza, F. Gil, Hugo de Noronha, G. Van Kricken, V. Fiorentini, etc.	
CLICHÉS DE: Alvaro Coelho, E. Biel, Julio Henriques, Ricardo Severo e Rocha Peixoto.	

As observações do Dr. Fortes Junior fornecem mais um documento de confirmação, devidamente estudado e classificado. E esta contribuição tem por si o grande merito de comprehender elementos para o grandioso capitulo dos castros e cidades, que condensa o fundamento de toda a nossa historia, o problema ethnologico da nossa raça, a questão basililar das origens da nacionalidade.

O pequeno opusculo do Dr. Fortes Junior pouco apparenta em quantidade, mas muito merece pela propria natureza do assumpto, na apresentação do qual o auctor evidencia sinceridade e precisão de analyse, apropriada erudição, e o particular enthusiasmo do estudioso especialista, verdadeiramente dedicado ás suas investigações.

Mais uma contribuição que nos vem despertar muita e nova esperança, quando já habituados á desanimadora indiferença d'esse publico que por ahí se agita; é um pouco de claridade que apparece e mais um companheiro de animo feito; saudemol-o com alegria nós outros do pequeno gremio, embora menosprezadas estas presumpções de patriotismo que ânima a nossa obra de inquerito a uma nacionalidade, transviados que somos por este caminho arredo de penosos trabalhos, desinteressados e independentes, de proprio esforço e iniciativa.

R. S.

Sousa Viterbo. DICCIONARIO HISTORICO E DOCUMENTAL DOS ARCHITECTOS, ENGENHEIROS E CONSTRUCTORES PORTUGUESES OU A SERVIÇO DE PORTUGAL, I, A—G. 4.º peq., 584 pags. Lisboa, 1896.

Postoque fóra da indole d'esta publicação, cumpre-nos todavia assignalar o copioso trabalho do sr. Sousa Viterbo d'onde, frequentemente, se colhem subsidios muito apreciaveis para o conhecimento das artes de construção e do que d'ellas importa no dominio tradicional. A reprodução de antigos documentos, as referencias bibliographicas e as allusões mais ou menos breves a costumes, praxes e contractos aproveitam aos estudos que são o objectivo d'esta revista.

O *Diccionario* é uma obra de abundante informação e denodado labor que o illustre publicista rematará n'um segundo volume, já no prelo.

R. P.

Manoel Joaquim Pereira. (Guarda do Museu). MEDALHAS DO MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. 1 vol. in-8.º, de 108 pags. Porto, 1898.

Leva-nos a notar especialmente este trabalho o proprio merecimento como catalogo, e sobretudo o facto excepcional de ser publicado pelo guarda do museu. Este modesto empregado tem o soldo de qualquer outro zelador do municipio e está collocado interinamente, por favor, no seu cargo de vigiar attento as collecções e os visitantes. O caso é significativo e de molde a contrapor ao symptomatico silencio de numerosas personalidades que occupam cargos de caracter scientifico e melhor remuneração, e que nada produzem, ao que consta, sequer por dever do cargo ou officio.

R. S.

General Mesquita Carvalho. O DOLMEN DA BARROSA. *Noticia abreviada d'este monumento precedida d'uma descripção da região onde elle se encontra e d'um estudo sobre as origens da terra,* etc. 8.º, 130 pags. e 1 est. Magalhães & Moniz, eds. Porto, 1898.

A anta da Barrosa é para o sr. Mesquita Carvalho o pretexto d'uma longa e prolixa dissertação sobre assumptos varios, na quasi totalidade dispensaveis para o estudo do monumento funerario. Algumas paginas, no fim, occupam-se dos dolmens em geral e tres, por ultimo, da anta do valle do Ancora a que o livro parece dizer respeito. Reedita factos exactos e accerta outros ainda controvertidos. Ha erros e confusões. De resto considerações sabias elementares entretecidas n'uma forma litteraria de convenção, justa e legitimamente desdenhada de ha muito.

Parece, através da leitura, que o sr. Carvalho descobriu a anta. Ora é de notar que ella está descripta varias vezes e excellentemente. As primeiras referencias são de Pinho Leal.¹ Depois occuparam-se do monumento megalithico—sem embargo, o mais interessante do Minho—os srs. Martins Sarmiento² e José Caldas.³ N'outros trabalhos de prehistoria encontram-se allusões á anta minhota, nomeadamente em escriptos dos srs. Sarmiento⁴ e Leite de Vasconcellos.⁵

Como descoberta, estava feita ha muitos annos; como trabalho de vulgarisação não tem valor algum.

R. P.

¹ *Portugal antigo e moderno*, III, pag. 393, voc. Gondinhães. Lisboa, 1874.

² *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, pags. 25 e segs. Porto, 1896.

³ *Archéologie préhistorique dans la province de Minho* in *Compte-rendu du Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*, 9.º session. Pags. 316 e seg. Lisbonne, 1884.

⁴ *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, in *Revista de Guimarães*, V, pag. 113. Porto, 1888.

⁵ *Religiões da Lusitania*, I, pags. 262 e 273. Lisboa, 1897.

Severino de Sant'Anna Marques. ESTUDO DE ANTHROPOMETRIA PORTUGUESA, in-8.º, 78 pags. Lisboa, 1898.

É no interesse de trazer o leitor ao corrente de todo o movimento anthropologico do nosso paiz que apresentamos mais este trabalho, o qual só agora nos veio ás mãos, graças á obsequiosa diligencia d'um amigo.

Como remate ao seu curso de medicina em Lisboa, o auctor escolheu para these um assumpto de anthropologia «que principalmente o seduzia e ao qual já por varias vezes e modos tinha dedicado algumas das suas horas de ocio» como declara no prologo do seu opusculo.

O assumpto preferido foi a anthropometria da população masculina portuguesa, no intuito de levantar os dous «formidaveis pontos de interrogação» que um tal Rippley, professor americano, segundo tinha lido algures, collocara sobre o nosso territorio ao coordenar a distribuição geographica do indice cephalico na Europa.

Procurou o distincto anthropologista, sr. dr. Ferraz de Macedo, que lhe ensinou a technica a seguir; conseguiu arranjar: um compasso de espessura, outro de corrediça e um duplo metro de molas; e atirou-se ao trabalho, medindo homens nos hospitaes civis da capital e nos quartéis de Lisboa e Porto.

Os caracteres anthropometricos recolhidos foram: o indice cephalico, o nasal e a estatura, em que empregou o methodo francez corrente, bem como a respectiva nomenclatura.

Foram aproveitados 1:444 individuos, que se distribuem desegualmente pelos 17 districtos administrativos do paiz, consoante o quadro que em seguida apresentamos.

DISTRICTOS	Numero de casos	Indices cephalicos medios	Indices nasaes medios	Estaturas medias
Aveiro.....	100	78.88	65.36	1 ^m .634
Beja.....	93	75.56	65.14	1 ^m .663
Braga.....	37	77.65	64.78	1 ^m .584
Bragança.....	100	76.15	67.25	1 ^m .634
Castello Branco.....	100	74.60	65.41	1 ^m .651
Coimbra.....	100	76.03	65.32	1 ^m .632
Evora.....	33	76.77	65.36	1 ^m .661
Faro.....	100	76.91	66.12	1 ^m .646
Guarda.....	100	75.42	66.00	1 ^m .645
Leiria.....	100	77.18	64.99	1 ^m .643
Lisboa.....	100	76.79	64.79	1 ^m .632
Portalegre.....	47	76.71	63.69	1 ^m .645
Porto.....	81	76.17	63.25	1 ^m .644
Santarem.....	105	76.73	64.21	1 ^m .642
Vianna.....	48	77.03	64.34	1 ^m .650
Villa Real.....	100	75.16	66.59	1 ^m .632
Vizeu.....	100	75.19	64.63	1 ^m .674
Reino.....	1444	76.3	65.1	1^m.645

Pena foi que o numero de casos observados que o sr. Sant'Anna Marques quiz manter em 100 para cada districto, escasseasse justamente n'aquelles onde a população é mais densa, como em geral nos do Minho; de modo que as suas conclusões não podem ser definitivas.

No emtanto o *indice cephalico medio* obtido em todo o reino (76.3), concordando com o do sr. Silva Bastos na sua serie craneometrica portugueza (74.5), colloca definitivamente a nossa população como a mais dolichocephala da Europa e differencando-se da hespanhola (78.2) em duas unidades. Esta dolichocephalia é mais accentuada sobretudo nos districtos transmontanos e beirões, isto é, na região mais montanhosa do paiz. A mesaticephalia minhota é mais uma vez confirmada.

O *indice nasal* é na media leptorrhino, (65.1) com tendencia para a mesorrhinia nos districtos montanhezes onde acabamos de notar a sua forte dolichocephalia. É pois n'estas regiões que o nosso typo aborigene (raça de Baumes-Chaudes — Cro-Magnon) se deve manter mais puro. Todos os anthropologistas da Peninsula assim o tem notado e previsto. O auctor porém vé no facto d'esta mesorrhinia, aliada a uma dolichocephalia nitida, a influencia d'uma raça negra platyrrhinal!

Lamentamos profundamente esta conclusão temeraria do sr. Sant'Anna Marques, que mostra ignorar que a população berber do norte de Africa com quem o portuguez, o italiano do sul, o hespanhol e o francez aquitano tem tantas afinidades ethnicas, pertença á mesma raça *européia mediterranea* ou *euro-africana* e provindo da mesma raça ancestral prehistorica. Essa popula-

ção nunca foi platyrrhina, — o índice nasal mais forte, observado na Tunisia, foi de 79.4 (Djerid) eminentemente mesorrhinico.

Se o auctor, em vez de ter feito da sua these um trabalho seccamente anthropometrico, o completasse com os caracteres descriptivos da côr e da forma do nariz; se tivesse tomado conhecimento com os caracteres das raças prehistoricas que no periodo neolithico habitaram o nosso solo e o do resto da Europa; se tivesse considerado, entre outros, os magnificos trabalhos do dr. Collignon, publicados em 1887, 91, 94 e 95 sobre a ethnographia da Tunisia e da população franceza, não teria cahido, por certo, n'este erro grosseiro. Infelizmente alguns escriptores extrangeiros querem vêr tambem a mistura de sangue negro na nossa população, proveniente da introdução de escravos negros, apoz as nossas descobertas e conquistas de além-mar, nos seculos XIV e XV! Esses tem desculpa por ignorarem a nossa composição ethnica — os nossos trabalhos anthropologicos, tendo começado agora e ainda assim com a desajuda dos poderes publicos!

Protestamos pois contra todas estas affirmativas meramente gratuitas e erroneas e somos antes com o sr. Silva Amado, que é o unico escriptor que se approxima mais da verdade nas considerações que faz sobre o caracter ethnico portuguez e com o qual o sr. Sant'Anna Marques declara «sentir sobremaneira não poder concordar»; quando a sua má interpretação anthropometrica é que o não deixa vêr claro.

O estudo do terceiro caracter anthropometrico tomado pelo auctor, a *estatura*, já pelo apparelho empregado — um duplo metro de molas — já pelo numero de casos, que é diminuto, desconhecendo-se além d'isso a idade dos individuos medidos, não nos merece confiança e fica de reserva á espera de confirmação.

Da these medica arranjada pelo sr. Sant'Anna Marques, apenas se poderão aproveitar, afinal, as medias dos indices cephalico e nasal que expomos no quadro acima composto.

A anthropologia não é positivamente um *sport*.

F. C.

João Gualberto de Barros e Cunha. NOTICIA SOBRE UMA SERIE DE CRANEOS DA ILHA DE TIMOR, in-8.º, 30 pags. Coimbra, 1898.

Pelo estudo d'esta serie de 28 craneos masculinos, o auctor mostra que a população timorense é muito mestiçada. A seriação do índice cephalico a uma unidade, indica-nos sobretudo a influencia de elementos dolichoides, na sua composição ethnica. Comparando as medidas craneometricas da sua serie com as das raças papua, malaia e polynesia, apresentadas pelos auctores da *Crania Ethnica*, o sr. dr. Barros e Cunha nota o estreito parentesco do timorense com o indigena da Nova-Guiné.

Os indices medios obtidos pelo auctor são os seguintes: cephalico, 73.1; vertico-longo, 74.6; vertico-transverso, 104.5; stephanico, 79.7; frontal, 70.1; facial, 65.2; nasal, 49.9; orbitario, 84.2; curva horizontal, 507 e angulo facial de Camper, 79º.

A seguir vem uma copia do Registro descriptivo dos craneos observados, sendo para lastimar que o auctor não tivesse antes condensado syntheticamente os caracteres craneologicos da sua tão notavel serie, ou pelo menos figurasse as normas principaes do craneo medio.

O opusculo finalisa com as respectivas tabellas craneometricas, em numero de tres, sendo a ultima de comparação.

F. C.

Antonio Aurelio da Costa Ferreira. CRANEOS PORTUGUESES: SUTURAS, in-8.º, 70 pags. Coimbra, 1899.

Na revista scientifica e litteraria, *O Instituto*, o sr. Costa Ferreira tem apresentado uns interessantes estudos de craneologia portuguesa.

O primeiro, publicado no volume XLV de 1898, trata do *Pterion*, determinando o auctor, pela primeira vez entre nós, as varias formas anômalas d'esta região craneana, a sua frequencia e valor anthropologico n'uma serie de 225 craneos portuguezes, de ambos os sexos. No fim do seu trabalho o auctor dispõe em quatro tabellas as suas cuidadas observações.

O seu segundo estudo, de que o auctor tirou *separata* e cujo título encabeça esta pequena noticia bibliographica, é, por sua vez, bem importante e util. Todo o craneologista que tiver de fazer trabalhos da sua especialidade em craneos portuguezes, terá de manusear o folheto do sr. Costa Ferreira.

Com effeito, n'elle se acham descriptas as differentes suturas craneanas, deduzidas as suas leis de complicação e de synostose e em que idade ella se produz no craneo portuguez. N'um terceiro e ultimo capitulo, o auctor ainda trata de algumas deformações cephalicas, produzidas pela synostose de certas suturas. Não nos falla da sutura metopica, a qual segundo PAPILLACT no seu magnifico estudo; *La suture métopique et ses rapports avec la morphologie crânienne*, tem uma dada influencia sobre a parte anterior do craneo. Certamente o sr. Costa Ferreira reserva-se para fazer tambem um estudo especial d'esta sutura sobre um maior numero de craneos da nossa po-

pulação. Pena é que o pouco espaço de que dispomos não nos permita trasladar as importantes conclusões d'estes seus dois estudos.

O activo e distincto craneologista coimbrão vae prestando com os seus bem elaborados trabalhos um valioso serviço á nossa sciencia ethnica e grande cousa seria que o sr. Costa Ferreira, ao fim, os reunisse n'um unico e commodo volume, enriquecendo assim a pequena bibliotheca anthropologica do nosso paiz.

F. C.

Bazilio Telles. O PROBLEMA AGRICOLA, 8.º, IX—259 pags. e append. Livraria Chardron ed. Porto, 1890.

Depois que a investigação historica moderna, desobrigada da parcialidade cortezã e restrictiva dos chronistas, incidiu sobre a trama profunda da vida nacional, sentiu-se, com um relêvo até então despercebido, que a crise portuguesa enraiza em origens viciosas já longinquoas. Emerge da obra dos academicos do seculo XVIII, tam educativa e por egual ignorada, este mal de constituição que une estreitamente as deficiencias actuaes da economia interna com a politica de fomento da primeira dynastia, breve sustada e detida.

Á romanisação, sem que se subvertessem as influencias sociaes persistentes através das vicissitudes ulteriores, succederam as assolacoes trasidas pela invasão e dominio wisigothicos; a seu tempo a terra lusitana encontra nas incursões mouriscas outra causa profunda e extensa de devastação e ruina; por fim, a reconquista pelos primeiros monarchas de Portugal ultima as consequencias d'uma tormenta que, intercadente em epochas, mas progressivamente nefasta em acção, resulta para o solo em motivos de aggravada avareza.

Formar uma nação, buscando na cultura, no povoamento e portanto nas complexas circumstancias interferentes para a solução d'este ideal politico, um alicerce harmonico e duravel, tal fóra a norma inicial dos primeiros estadistas. O exito completava-se ainda com as energias subsistentes desde a estirpe primordial através da mesclagem hispano-romana e galaico-sueva — no norte, evidentemente. Mas um desvio prematuro, para que convergem simultaneamente motivos fataes e fortuitos, interrompe — até hoje! — uma obra ephemera de reconstituição que não lograra sequer ir a meio.

O hiato monstruoso, abrindo-se nos tempos do monarcha que remata a primeira dynastia, avulta com mais destaque o seu inicio com a expugnação de Ceuta. Ahi começa o nosso exodo delirante, em busca do poder e da fortuna; aqui ascende a nossa crise afflictiva, raro velada com fugitivos aspectos d'uma opulencia fruste. Emigrando sob o imperio d'um como delirio de grandezas collectivo, o abandono da terra promove successivamente o desequilibrio que se manifesta breve pelas crises frequentes em subsistencia e vestuario, obtendo-se tudo, como os homens para as frotas e os artifices para o luxo, ora com a troca dos productos da conquista, muitas vezes, nos infortunios d'esta aventura epica, por exhaustão de reservas quasi exangues e até vendendo-se as pratas das egrejas.

A casa commercial que foi Lisboa esqueceu naturalmente a necessaria sequencia da acção providente que determinara as medidas iniciaes e fecundas. Governando expiou com o paiz e resignou-se. Não se apercebeu do lance que a poderia remir sob a adopção assimiladora da tentativa pombalina; não ouviu os clamores que bradavam por juizo á gente desvairada; não soube, pois, outro rumo que o expediente, ou fossem os bens dos nobres e conventos, ou a inconstancia da riqueza illusoria que nos dava o oiro do Brasil.

O conspecto d'este organismo politico que, pelos vicios constituitivos, deu, em resumo, um caso de verdadeira teratologia social, resalta modernamente da obra vulgarisadora e litteraria de Oliveira Martins, da investigação mais penetrante e mais profunda de Alberto Sampaio e agora d'algumas dezenas de paginas com que Bazilio Telles abre a sua obra sobre a nossa questão agraria, a um tempo n'uma limpida nobresa formal e servida com recursos de eruditismo que só escapa, pelo brilho com que o veste, á geral e ingenita lassitude desattenta.

Tocando os aspectos de mais vinco na pagina da nossa crise permanente, é nova e sua a aproximação da ruina actual com o preludio fatal e remoto esboçado nos fins do seculo XIV: crise cerealifera, plethora vinicola e emigração, para as cidades, das populações ruraes. Com uma penetração subtil e diaphana os passos d'este ininterrupto episodio de penuria nacional decorrem n'um encadeamento de logica exuberante e indefectivel, detendo-se quando certas funcções ou acções culminantes illuminam o quadro com inadvertidas loucuras e ephemeris ou estereis tentativas de reacção individual e civica. Assim a obra de Pombal, provando que este solo era capaz de alimentar este povo; um pouco o entendimento perscrutador e melancholico dos percursoros, desde Castello Melhor até ao infante D. Pedro; mais recentemente o lemma liberal de Mousinho exteriorisado na sua obra de fomento, uma vez reconhecida a nossa lesão inicial e profunda.

O quadro da vida economica da nação, que Bazilio Telles resume e entretece com ineditos elos de interdependencia, aspectos ainda não apprehendidos e factos nada ou timidamente asseverados — como a inversão dos papeis entre a agricultura e o commercio, 1580 epilogo de 1383, regressão á chimera mercantil e cosmopolita do seculo XIV e justaposição de dois grupos de gente que geographica e approximadamente o Vouga scinde e se não entendem — esse quadro consti-

tue um dos mais maravilhosos trechos de Prosa portuguesa, fundamente sentida, plasticamente modelar e patrioticamente nobilissima:

De resto o assumpto nodal do *Problema Agricola* é alheio á indole d'esta revista. Estudado nas varias manifestações produzidas pelos economistas, Bazilio Telles redul-o, em derradeiro lance e após as inferencias d'um lucidissimo debate, ás tres causas que accusam uma gravidade real: o latifundio, a carencia e a especulação do capital e o empyrismo tributario. Males e remedios são exhibidos com uma harmonia e coherencia, com uma proporção e valores gradativos que imprimem a este livro, d'uma estructural solidez e esplendente destaque litterario, um relêvo proeminente na litteratura economica peninsular. Com semelhante documento publico, de tam complexa intensificação sabedora e pensante, Bazilio Telles denuncia-se, aos que o não conhecem, como um dos maiores espiritos do seu tempo.

R. P.

Charles Lepierre. ESTUDO CHIMICO E TECHNOLOGICO SOBRE A CERAMICA PORTUGUESA MODERNA. 8.º, 241 pags. e 1 est. Lisboa, 1899.

Propoz-se o eminente chimico e professor da Escola Industrial de Coimbra summariar o seu inquerito ao estado actual da industria ceramica portuguesa; e d'esse labor resulta um copioso elucidario ácerca do nosso frabrico de olaria, da natureza das argillas e das pastas empregadas, do acaso que preside a todas as dosagens, da disparidade entre os vidrados e as massas que esmaltam, da barbarie chromatica e esthetica, de toda a somma de erros, enfim, que explicam o atraso das nossas loiças e principalmente das faianças grosseiras mais communs. É um substancial e criterioso depoimento chimico-industrial que ennobrece quem o subscreve e marca, na nossa litteratura tecnologica, uma etapa de viva e valida accentuação laboradora.

Adstringindo-nos ao que interessa o nosso quadro move-nos sobretudo reparo os informes que acompanham, por vezes com assignalada pormenorisação, as partes que dizem respeito ás loiças negras e vermelhas, foscas ou vidradas. São as interessantes particularidades de fabrico com as quaes, devidamente hierarchisadas, se reconstitua a industria do passado conforme as illações dos archeographos. O material, incluídos varios typos de fornos, o preparo das pastas, as formas, a ornamentação, o brunido revelam-nos estadios attribuidos ao evoluer da ceramica desde os tempos neolithicos. Assim, a cocção em covas effectua-se ainda em Lordello (Villa Real), em Chaves, em Bragança, em Lamego e em Taboa (Coimbra), localidades a que o auctor podia acrescentar Gôve (Baião) e Coimbrões (Gaya); vedam-se os poros com cera em Lordello, como analogamente nós já observamos em Visalhães e Gôve; a mica distribue-se profusamente na pasta da loiça de Lordello e de Ilhavo, ao que o illustre analysta podia acrescentar o informe relativo a Guimarães, com a mesma poalha micacea nos medalhões relevados que ornamentam os bojos; como os homens de Liceia, os oleiros de Nisa incrustam na pasta fragmentos de quartzo branco; Tondella, Alfarellos e Extremoz brunem as suas loiças; por fim bellas ondulações de linha etrusca ou hellenica, romanisadas umas, arabisadas outras, sobrevivem através das vicissitudes e dos progressos dos tempos, occasionando este inconsciente respeito pela architectura do vasilhame, legada e remota, a conservação de formas tradicionaes e vetustas: os grandes quartos pezgados para o vinho, os potes e talhas de enormes dimensões para reservas de líquidos e de salgas, os bicados da adega, os fornos d'uma só peça, os ferrados de ordenhar, as braseiras, as bruxas, os alcatruzes, as pichorras, a illimitada multiplicidade das bilhas!

O seu vivo e fino espirito de gaulez decorou uma memoria de trama secca e arida com estes e muitos outros pormenores de tocante origem e fundo populares, emmoldurando assim o hirto contexto de taboas e analyses com a ingenua, simplista e graciosa historia d'uma industria persistentemente tradicional. Através de duzentas e tantas paginas o archeologo e o ethnographo colherão abundante somma de factos aproveitaveis, de verdadeiras exumações vivamente suggestivas. E aqui está um passo feliz para que trabalhos d'este genero determinem uma accessibilidade que melhor premeie os esforços do auctor.

Em remate o eminente critico de arte, snr. Antonio Augusto Gonçalves, appensa uma *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra*, onde reduz á sua habitual concisão o exuberante saber obtido através d'uma locubração lucidissima e scintillante. É uma exumação joeirada pelo seu fino pensar, pelas suas raras facultades interpretativas, pelo judicioso criterio, seguro e sagaz, que marcam inconfundivelmente os seus estudos. Por sobre o que uma plastica litteraria que em nada desmerece o eminente estheta.

Livro notavel, realmente.

R. P.

A. Thomaz Pires. MATERIAES PARA A HISTORIA DA VIDA URBANA PORTUGUESA. A MOBILIA, O VESTUARIO E A SUMPTUOSIDADE NOS SEculos XVI A XVIII. 8.º, 109 pags. Lisboa, 1899.

O devotado e esclarecido folklorista alemtejano, a quem devemos numerosas contribuições para o estudo do povo portuguez, collige n'este opusculo varios documentos — inventarios de bens moveis e de raiz, testamentos, folhas de partilhas, escripturas de compra e dote, relações, livros de irmandades, contas, etc. — que lançam uma luz vivissima sobre a vida regional nos tempos a que se referem. É um precioso subsidio, não ha duvida!

Com tam curiosos elementos e o conhecimento da epocha reconstitue-se a vida de então e principalmente o que n'ella havia de esplendor e fausto. E não pode prescindir d'estes materiaes e similares quem queira traçar, do tempo, quadros e aspectos. Na sua apparente aridez estes inventarios são extrema e intensamente suggestivos, dando-nos, do mesmo passo que um miudo pormenor de coisas nacionaes, esclarecimentos copiosos da opulencia de certas casas portuguezas, como as suas joias, crystaes, loiças, tapeçaria, mobiliario e outros artefactos sumptuarios buscados em Ruão, Veneza, Milão, Medina, Talavera, Allemanha, Flandres, India e China.

Através d'esta interessante collecta apparecem outras indicações de proveito vario: a relação do estado e fausto com que um embaixador fez uma função em Paris, a escriptura da compra d'uma escrava, a soldada d'um creado, etc. Para reparo, entre outros, o documento que se refere á aquisição de azulejo para uma capella, com a descriminação dos destinos dos differentes typos, a procedencia, o custo, o nome do mestre, etc.

Que excellentes serviços não nos prestariam tantos ociosos de provincia se, ao menos uma vez na vida, exhumassem assim, para publico, os documentos locaes!

Applausos sincerissimos ao snr. Thomaz Pires.

R. P.

Pedro Fernandes Thomaz. COLLECÇÃO DE ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO CONCELHO DA FIGUEIRA. Primeira parte, 8.º, 303 pags. e III ests. Figueira, 1899.

É vasta já a litteratura que se occupa da historia e da economia locaes. Não obstante a debil fertilidade de producção escripta as monographias de terras constituem hoje uma bibliotheca especial consideravel, sem que, entretanto, reste pouco a fazer. Verdade é, porém, que a grande maioria d'esses trabalhos são extremamente carecidos de espirito critico e de estudos e investigações imperscriptiveis; a reproducção pouco afanosa e simples das origens lendarias e de populações não menos imaginosas que exhibem os velhos textos conventuaes e outros, substitue a averiguação pessoal directa e, naturalmente, laboriosa e lenta. O dictionario de Pinho Leal é a imagem, em grande, da versatilidade e da insciencia com que se elaboram semelhantes livros. Mas certo é que todos offerecem, mais ou menos, muita informação segura, esparsa, embora, e tumultuaria. Nas annotações ao *Portugal antigo e moderno* que vem sendo exaradas nos ultimos boletins da *Associação dos architectos e archeologos* se reconhece como é avultada a somma de memorias locaes: é até alguns bibliophilos cuidam já em organizar e desenvolver esta especial secção, indubitavelmente, apesar de todos os defeitos, bastante rica em prestimosos subsidios. Haja vista a grande obra citada, com as suas lacunas e erroneas exacções em numero, mas por egual com uma massa enorme de noticias interessantes e certas.

De resto está sendo esta a fonte inexaurivel onde bebem todos os chronistas de gazetas, com a leviandade peculiar á affectada sufficiencia de semelhantes profissionaes das letras. A irradição do exemplo, d'uma banda, e a vulgarisação de noções falsas, por outra, não são de molde a applaudir esta pretensa novidade das folhas illustradas do domingo.

A enfileirar no quadro das monographias locaes vem o livro apontado acima. Mas este primeiro volume adstringe-se á reproducção de textos, d'entre os quaes sobressahem os que se referem á constituição foraleira do concelho. N'uma segunda parte o seu illustre e sympathico auctor occupar-se-ha das tradições, usos, costumes, jogos e divertimentos populares, cantigas, contos, orações e superstições, o que nos leva a crêr, dada a especial competencia de Fernandes Thomaz, que tal secção será mais valiosa e attendivel. O seu esforço e o de Augusto Veiga, um dedicado cooperador, teem jus ao nosso vivo applauso.

Exare-se, de passagem, que o distincto archeologo, sr. Santos Rocha, publicou (1893) uns *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, trabalho este de ardua averiguação, muito informe inedito e intelligente arranjo. O capitulo sobre ethnographia, entre outros, é muito instructivo e habilmente organizado.

R. P.